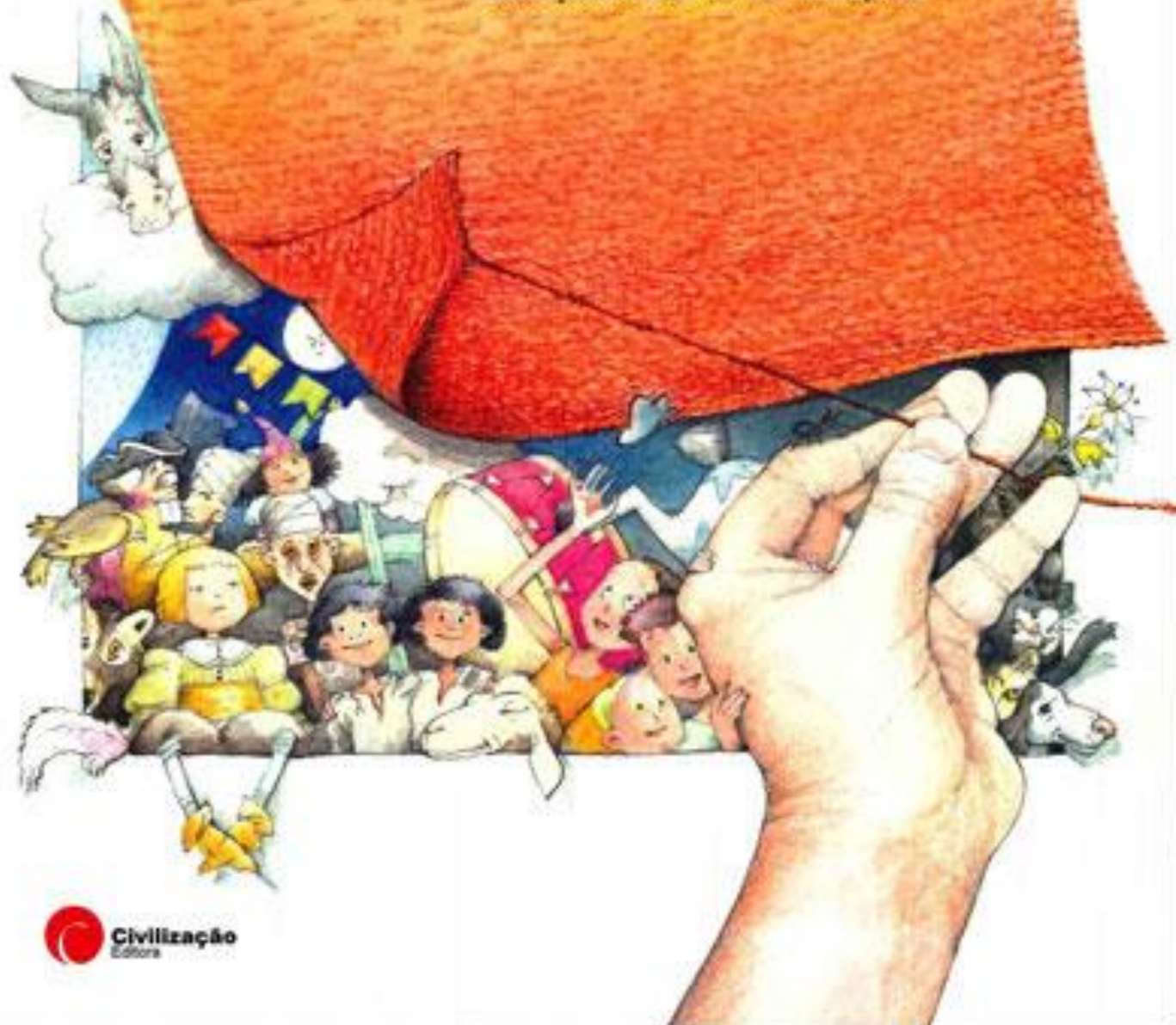


Trinta por Uma Linha

António Torrado
Ilustrações de Cristina Malaquias



O RATO E A LUA



O ratinho Larico apontou para a Lua e disse:

– Mãe, mãezinha, eu quero comer aquele queijo.

– Meu filho, aquilo não é um queijo, é a Lua.

– Então eu quero comer a Lua...

– Não digas tolices, Larico. A Lua não serve para comer. A Lua não é um queijo.

– Então eu quero comer um queijo.

– Ratinho impossível! Só pensa em comer. Vou fazer companhia aos seus irmãos, que são mais ajuizados.

O Larico ficou sozinho a olhar para a Lua, com a água a crescer-lhe na boca.

De repente, zás! Sentiu-se preso numa rede, que lhe tinham atirado. Ouviu vozes. "Muito cuidado! Não o magoem. Mandem-no para o centro de observações."

No Centro de Observações e Pesquisas Espaciais (C.O.P.E.), deram-lhe um banho, enfiaram-lhe um capacete na cabeça e meteram-no num foguete que ia partir, imaginem para onde? Que ia partir para a Lua.

O foguete partiu, Fuuuimmm! Chegou à Lua.

No dia seguinte, os jornais traziam em grandes letras – UM RATO ASTRONAUTA; LARICO, O HEROI; RATOS CONQUISTAM A LUA, etc., etc. Mas um sábio, muito sábio, que passava as noites a espiar a Lua, através de um grande óculo, um telescópio, descobriu este facto alarmante: a Lua tinha um bocadinho a menos.

Ficaram todos os sábios e os não sábios apavorados: "Ai, a Lua com um bocadinho a menos". É que já não era um bocadinho, mas um bocadão. A Lua diminuía a olhos vistos. Ratada aqui, ratada acolá, já não era o globo branco que estamos habituados a ver, mas uma coisa sem forma definida, ao longe tão pequena como um pedacito de queijo...

Os sábios punham as mãos na cabeça, sem achar solução. Mandar um homem para a Lua não era possível, porque os astronautas estavam todos de férias, sabe-se lá onde. Mandar uma ratoeira? E quem colocava a ratoeira em condições de apanhar o rato? Só se mandassem um gato. Era uma ideia. Mas não, não podia ser. Os gatos não tinham preparação para tais viagens. Enjoavam. Borravam-se de medo...

Debatiam-se os sábios nestas dúvidas, quase dispostos a riscar a Lua da lista dos planetas, quando a mãe do Larico, toda lampeira, decidiu, à sua conta, tomar providências.

Alçou a cabeça para o céu e, sem mais aquelas, gritou ou guinchou, numa voz que ribombou pelos ares e fez tremer ainda mais as estrelas do firmamento:

– Larico atrevido, salte imediatamente daí para baixo ou apanha uma grande sova!

O ratinho obedeceu.

Foi assim que nós nos salvámos de ficar sem Lua.

A GOTA COM SEDE



Era uma vez uma gota cheia de sede. Não faz sentido, mas acreditem que assim era.

Esta gota de água queria matar a sede a alguém que tivesse muita sede. Desejo grande, desejo único que a arredondava mais e mais, e a enchia de fé como um coração palpitante. Mas não havia meio.

Cavalgando uma nuvem, correu o deserto, à cata de um viajante sequioso. Não encontrou nenhum.

Depois, percorreu, por cima dos mares, as ondas revoltas dos oceanos. Talvez um naufrago de boca salgada precisasse dela e da sua ajuda doce. Assim que o visse, ela caía lá do alto e poisava nos lábios do naufrago como uma última bênção. Mas não encontrou nenhum.

Queria ser útil. Não conseguia.

Até que a nuvem em que vinha, de carregada que estava, não podendo mais, se desfez em chuva. Ela precipitou-se para a terra, no meio das outras.

– Vou lavar as pedras da calçada – dizia uma.

– Vou mergulhar até à raiz de uma planta e dar-lhe vida – dizia outra.

– Vou acrescentar água a um rio quase seco. Vou ajudar uma azenha a trabalhar. Vou alimentar uma barragem. Vou empurrar um barco encalhado.

Isto diziam várias gotas, todas generosas, enquanto caíam.

Se cada uma cumpriu ou não o seu destino, não sabemos, porque nesta história só nos ocupamos da gota com sede de matar a sede.

Caiu na copa de uma árvore e foi escorrendo de ramo em ramo, pling, pling, pling, como uma lágrima feliz.

Até que chegou a uma folha, mesmo por cima de um ninho. Caio? Não caio? Deixou-se ficar, a ver no que dava.

A casca de um ovo estalou e um passarinho rompeu, aflito, lá de dentro, de bico aberto, num grito mudo.

– Caio – decidiu a gota.

Soltou-se da folha para a garganta aberta do passarinho, que a engoliu e, logo em seguida, piou, agradecido.

Foi o passarinho, tempos depois, que me contou esta história.

BOLACHA MARIA



Era uma vez uma bolacha Maria que disse que Maria, só Maria, não chegava.

Queria ser, ao menos, Maria Emília. Bolacha Dona Maria Emília, com todo o respeito.

As outras companheiras do pacote fizeram-lhe a vontade. Mas, quando uma bolacha Maria começa com exigências, oh! oh! Nunca mais pára...

– Pensando melhor, não dispenso os apelidos. Quero passar a ser tratada por Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo de Reboredo Farinha.

Um nome tão comprido e retorcido não é fácil de decorar. Algumas das simplesmente Maria chamavam-na de Maria de Trigo Melo e Sousa não sei quê Farinha. Outras, de Maria Reboredo Farinha de Melo Trigo de Sousa Emília. E as mais esquecidas, apenas de Maria Farinha de Trigo, o que a punha fula.

– Distingam-me. Separem-me. Marquem a diferença. Eu sou uma bolacha especial. Uma bolacha Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo de Reboredo Farinha.

– Tá bem – diziam as outras, que não eram de despiques.

Alguém abriu o pacote e começou a provar daquelas bolachas torradinhas e saborosas. Elas não se importavam. Sabiam para o que estavam destinadas e davam-se por contentes. Proporcionar um pouco de prazer ao paladar era a vocação delas.

A Maria que não ia com a outras, por sinal a última do pacote, não seguiu o caminho das demais. Ficou a aguardar novo acesso de apetite de quem, daquela vez, já estava de barriga cheia. Ficou sozinha. Ficou esquecida.

Amoleceu.

Quando, passado dias, deram por ela disseram:

– Esta bolacha já está mole. Não presta.

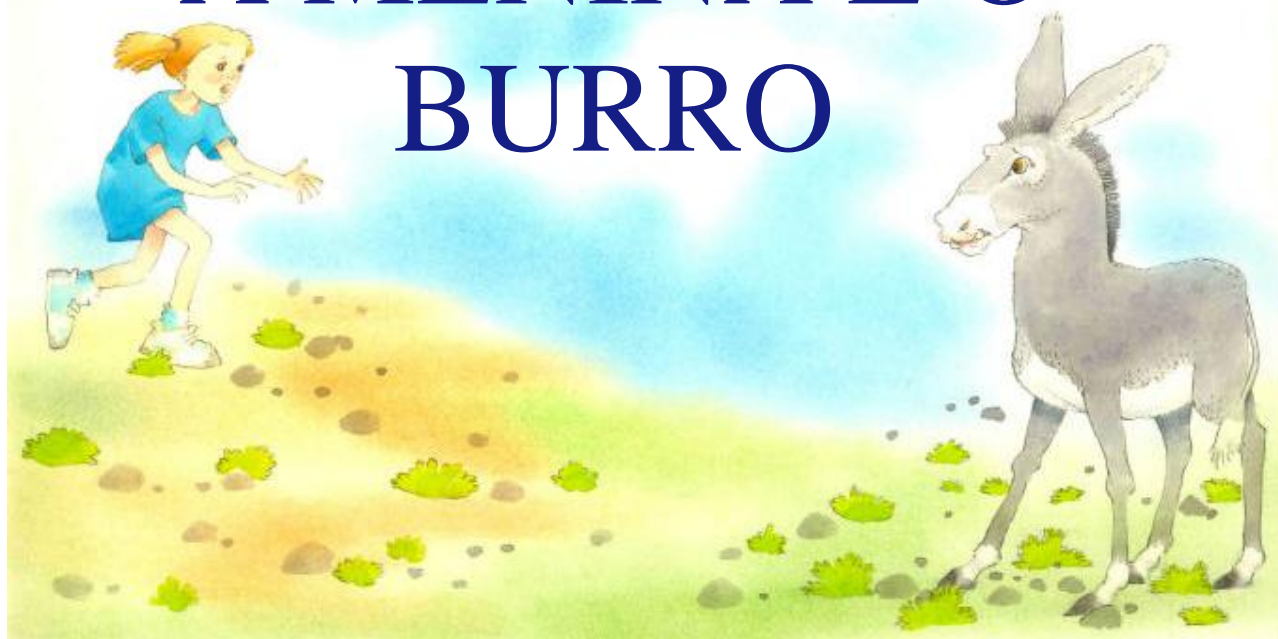
E chamaram:

– Bobi, anda cá. Toma.

O Bobi, de rabinho a abanar, muito saracoteante e salivante, veio, tomou e foi assim que a excelentíssima bolacha Dona Maria Emília de Melo e Sousa Trigo de Reboredo Farinha acabou na boca do cão.

Esta história é pequenina e sabe a pouco? Pois é. O Bobi também achou o mesmo.

A MENINA E O BURRO



Era uma vez uma menina que conhecia o campo, mas de longe. Vira-o, uma vez, de passagem, da janela de um automóvel. Vira-o, mais vezes, de corrida, nos ecrãs da televisão. E vira-o, outras vezes, disfarçado de paisagem, nas folhas das revistas e nas tampas das caixas de chocolate. Esta menina, afinal, não conhecia o campo a sério.

Por isso, da primeira vez que foi ao campo, da primeira vez que pisou o chão rugoso do campo e respirou o ar vivo do campo e os cheiros todos do campo, a menina ficou, há que confessar, a menina ficou um tanto atordoada.

Tropeçou numa pedra, comichou-lhe o nariz e picou-se nas urtigas. Mas, apesar destes contratempos, a menina, verdade se diga, não desgostou da experiência.

É que havia muita coisa para ver. Havia folhas que estalavam, quando ela as pisava. Havia carreiros de formigas, flores sem nome, canaviais bulindo, árvores ramalhando e, não muito além do caminho por onde a menina seguia, um burrito de orelhas espantadas. Tinha o pelo cinzento e não era de peluche.

A menina, que já ouvira histórias de príncipes encantados por fadas más, pensou: "E se é um príncipe transformado em burro?" Podia ser. Tinha os olhos pestanudos e olhava para a menina cheio de curiosidade.

"Eu dou-lhe um beijinho, desfaz-se o encanto e ele transforma-se em príncipe", pensou a menina. "Até pode ser que, mais tarde, queira casar-se comigo."

A menina, que já se via princesa, aproximou-se do burro, para concretizar o que tinha pensado. Mas o burro é que não estava pelos ajustes. Quando viu a menina mais perto, fugiu a galope.

A menina correu atrás dele:

- Não te faço mal. É só um beijinho - prometia ela.

Mas o burro não queria saber. Era um burro novo, sem nenhuma prática social, e aquela criaturinha enervava-o.

Naturalmente, não era um príncipe encantado. Devia ser só um burro.

Também nos parece que sim.



Há muitas e muitas centenas de anos, os velhos e sábios mandarins da China estiveram quase, mesmo quase, quase a ir à Lua. E porque não foram? – perguntam vocês, certamente admirados. Isso já vamos nós saber pela história que aqui trago para contar. Ora prestem atenção.

Num banco do seu jardim sob sicómoros, o mandarim Hó-Hi-Tsé, de longos bigodes a pingar para a túnica de seda azul, onde um dragão a ouro resplandecia entre flores bordadas, admirava, namorava, cobiçava a Lua, de cara muito redonda e sorriso distantes. Ela, a Lua, meio escondida atrás das montanhas de Pá-Ui, também parecia espreitar para ele.

- Hei de tocar-te com os meus dedos, Lua Grande – murmurava Hó-Hi-Tsé.

Esta ideia há muito que o deslumbrava. Consultara rolos e rolos de papel de arroz que lhe confiavam histórias da Lua. Estudara e pensara muito, mas não havia meio de achar um processo que lhe ensinasse o caminho para a realização do seu sonho. Tonto de tanto matutar, resolveu pedir auxílio aos outros mandarins da China, tão sábios como ele. Mandou cartas para os

quatro cantos do Império, convidando os mandarins a virem a sua casa, num dia tal, à hora tal, depois da Lua Cheia, para tratarem em comum de um assunto muito importante.

E eles vieram. A cavalo, de burro, de trenó, de cadeirinha, dezenas de mandarins, bojudos todos e de longos bigodes pendentes sob as túnicas de seda, onde dragões pintados a ouro resplandeciam entre flores, iam chegando e entrando no palácio de Hó-Hi-Tsé. Reunidos no delicado jardim, sob os sicómoros, quase pareciam uma coleção de bules chineses sobre um tabuleiro pintado.

Quando o último, num passinho miúdo, se juntou aos restantes membros da assembleia, falou-lhes assim Hó-Hi-Tsé, do alto da escadaria do palácio:

- Amigos meus, representantes do que de mais ilustre e sábio o sol do Império ilumina, sabeis, desde já, que não fui eu quem vos convocou para esta reunião.

O mandarim Hó-Hi-Tsé fez uma pausa, sorriu e continuou:

- Quem vos convocou efetivamente, queridos amigos, foi... a Lua!

Agitou-se a douta assembleia, perturbada, mas Hó-Hi-Tsé prosseguiu:

- Sim, foi a Lua que vos chamou, por meu intermédio. O astro da noite pediu-me, numa voz melodiosa, suplicou-me que a visitássemos. Sente-se só e triste, a nossa querida Lua. Eu vi escorrer, sobre a sua face empoada de Lua Cheia, uma lágrima. Eu vi, meus amigos, e condoí-me!

Não houve nenhum mandarim que não se comovesse. Os mais novos esqueceram a tradicional gravidade dos mandarins e gritaram em chinês:

- Vamos limpar as lágrimas da Lua!

- Vamos à Lua – gritaram outros, também em chinês.

Hó-Hi-Tsé, do alto da escadaria, pediu silêncio:

- O vosso entusiasmo aqueceu-me o coração, amigos meus. A bela dama da noite, se vos tivesse ouvido, sorriria para nós,

iluminada por dentro como um balão de seda em noite de Tsin-fó. Vamos, então, à Lua. Mas como?

Aqui as opiniões dividiam-se. Cada mandarim tinha a sua ideia muito sua, meditada no silêncio dos seus jardins de amendoeiras floridas.

- Um de cada vez – recomendava Hó-Hi-Tsé, agitando brandamente o seu leque de papel, como se quisesse afastar os ventos da descortesia que ameaçavam a reunião.

Adiantou-se o mandarim Fu-Kim-Ó da província oriental de Ché-I.

- A meu ver – disse ele – só se pode ir à Lua em equilíbrio sobre um raio de luar. Numa noite de Lua Cheia, escolhe-se um raio filtrado pelas nuvens, e sobe-se, passo a passo, muito devagarinho, até alcançar a Lua.

Os outros mandarins não concordaram:

- É um processo muito arriscado – comentavam. – Imaginem que o raio se quebra a meio caminho...

Diversa era a sugestão do mandarim Su-Pi-Hiá, do antigo pagode de Eui-pó:

- Constrói-se um enorme papagaio de papel, com um gancho na ponta, e lança-se, num dia de vento alto. O gancho agarra-se à Lua e depois trepa-se pela corda.

Torceram os respeitáveis narizes os pançudos mandarins. Tinham bastantes e pesadas razões para desdenharem do projeto.

- Se o gancho ficar mal preso à Lua, é um perigo – observaram os mais sensatos.

Falou em seguida o mandarim Tien-Hó-Ching das províncias meridionais:

- Talvez pudéssemos erguer uma torre, com uma escada de caracol interior...

Clamorosos protestos abafaram as últimas e indecisas palavras do mandarim Tien-Hó-Ching:

- Essa ideia não é nova – diziam uns.

- É uma ideia banal – diziam outros.

- E, quem chegasse ao cimo da torre, devia ficar com a cabeça desaparafusada do corpo, de tanto subir em caracol. A mim, as escadas de caracol dão-me volta ao miolo da cabeça – queixava-se um mandarim velhote.

Levantou-se então, o mandarim Ni-Hó-Qui da província central de Sá-tó:

- Sugiro que, por meio de um enorme arco, se lance uma seta à Lua. A seta acertará na Lua, em cheio, mesmo no centro e, pendurada da outra extremidade da seta, irá uma corda muito comprida por onde subiremos a pulso.

- Nunca, nunca! – insurgiu-se a assembleia. – Quem consentiria que uma seta trespassasse a nossa amada Lua, em pleno coração? É um projeto inaceitável, um projeto horrível e cruel.

Ni-Hó-Qui voltou a sentar-se, envergonhado e arrependido. Muitos outros planos para alcançar a Lua foram apresentados ao congresso dos mandarins, alguns bastante engenhosos, mas nenhum conseguiu arrebatá-la a simpatia unânime dos presentes. Eram projetos, quase todos, a exigirem riscos desmesurados e muita agilidade e precisão para mandarins tão pouco afeitos a perigos e tão prudentes no viver.

Finalmente, depois de muita polémica, quando o Sol, em vermelhão, se despedia das copas dos sicómoros toucadas de carmim, um plano muito atraente despertou a fatigada assembleia. Era seu autor o mais novo de todos os presentes, o rechonchudo mandarim Ti-Chin-Lu. Assim discursava ele:

- A sabedoria iluminou todas as falas até agora ouvidas. Porém, reparo que as propostas dos meus aceitáveis colegas pretendiam que fossemos nós a ir à Lua, que está longe, muito longe, e ninguém sugeriu que fosse a Lua a vir ter connosco...

- Muito interessante – comentaram os velhos mandarins.

- Proponho, pois, que a Lua se aproxime da Terra – continuou Ti-Chin-Lu. – A minha ideia é a seguinte: encomenda-se um imenso espelho, com cercadura trabalhada em fina porcelana, um espelho mais liso e profundo que as águas do calmo lago Ió-Tsi,

mais perfeito que os espelhos da imperatriz Ming-Ló, um espelho sumptuoso e delicado, onde a Lua, a nossa amada Lua, se mire, envaidecida. Assim que a Lua se debruçar para ele, nós inclinamos o espelho e afastamo-lo dela. Ela aproxima-se mais, para melhor se mirar e remirar, aproxima-se mais e mais, cada vez mais perto, mais e mais perto, a claridade que ela espelha reflete-se no espelho, como um lago branco e rosado, toda a sua beleza domina o cristal maravilhoso, e nós...

- Mergulhamos no espelho e agarramo-la – sugeriram alguns mandarins, já fora de si.

- Prudência, amigos! – aconselhou Ti-Chin-Lu. – Nós, simplesmente, subimos ao alto de uma montanha e agarramo-la, agarramos a nossa querida Lua e saltamos para ela.

- Admirável! Espantoso! Ideia esplêndida! – exclamaram os mandarins, perdendo, de uma vez para sempre a habitual compostura dos mandarins. – Viva Ti-Chin-Lu, o conquistador da Lua! Viva!

Animado o vozear das aclamações, o mandarim velhote, que falara contra as escadas de caracol, discorreu o seguinte:

- Para que a Lua nele se debruce, grande e próxima, o espelho tem de ser enorme, maior que um mar... Quem o fará?

- Que lembrança a sua, meu bom amigo! – respondeu Ti-Chin-Lu. – Fazer espelhos, grandes ou pequenos, é tarefa para artesãos. Não nos cabe a nós preocuparmo-nos com semelhantes pormenores, não acha?

- Pois claro! – secundaram os restantes mandarins. – Os artesãos que façam o espelho para a Lua. Eles é que sabem dessas coisas de fazer espelhos...

Foi assim que os mandarins chineses de há muitas centenas de anos estiveram quase, mesmo quase, quase a ir à Lua. Só faltou fazer o espelho.

O CÃO E O GATO



O cão e o gato não eram amigos, mas faziam de conta. Viviam ambos abrigados no casebre de uma pobre velha, que com eles repartia o pouco que tinha.

– Sejam amiguinhos. Sejam amiguinhos – estava sempre ela a dizer-lhes.

Pela comida e dormida os dois incorrigíveis inimigos aturavam-se. Que remédio.

Um dia, a velhota morreu. Vieram os filhos, vieram os netos e enxotaram-nos do casebre.

Cão e gato, tristes por terem perdido a sua protetora e o mínimo de conforto que ela lhes proporcionava, ficaram a rondar a casa, mas cada um para seu lado. "Sejam amiguinhos. Sejam amiguinhos", ainda lhes soava nos ouvidos.

Choveu. Fazia frio. Tiritantes e cheios de fome, acolheram-se a uma gruta. Era uma gruta muito comprida, tão comprida que eles se internaram por ela adentro, à procura nem sabiam de quê.

Cada vez mais fundo, cada vez mais longe do mundo que conheciam, foram ter a uma clareira iluminada. No meio, sentado nas pernas cruzadas, estava o Génio das Cavernas.

– Que querem de mim? – perguntou-lhes o Génio.

A bem dizer, eles não queriam nada a não ser um dono, comida, calor, carinho. Foi o que pediram.

– Concedido – disse-lhes o Génio. – Com uma única condição: cada um transforma-se no outro.

Eles, a princípio, nem entendiam a proposta, mas quando perceberam que o gato tinha de passar a cão e o cão, a gato, protestaram com toda a gana.

– Eu não quero ser cão – bufou o gato.

– Eu não quero ser gato – rosnou o cão.

Nada feito. Ou aceitavam a troca ou acabariam por morrer, à fome e ao frio.

Lá se resignaram à mudança, já que a alternativa também não era nada apetecível.

O Génio executou a magia e o gato passou para a pele de cão e o cão para a pele de gato. Esquisito.

Correram ambos na direção da entrada da gruta, ainda assarapantados.

– Que cãozinho e que gatinho tão bonitos. Posso levá-los para casa? – perguntou uma menina ao pai.

– Os cães e os gatos não se dão bem uns com os outros – apressou-se a explicar o pai.

– Mas estes dão-se. Tão juntinhos. Tão amigo – disse a menina.

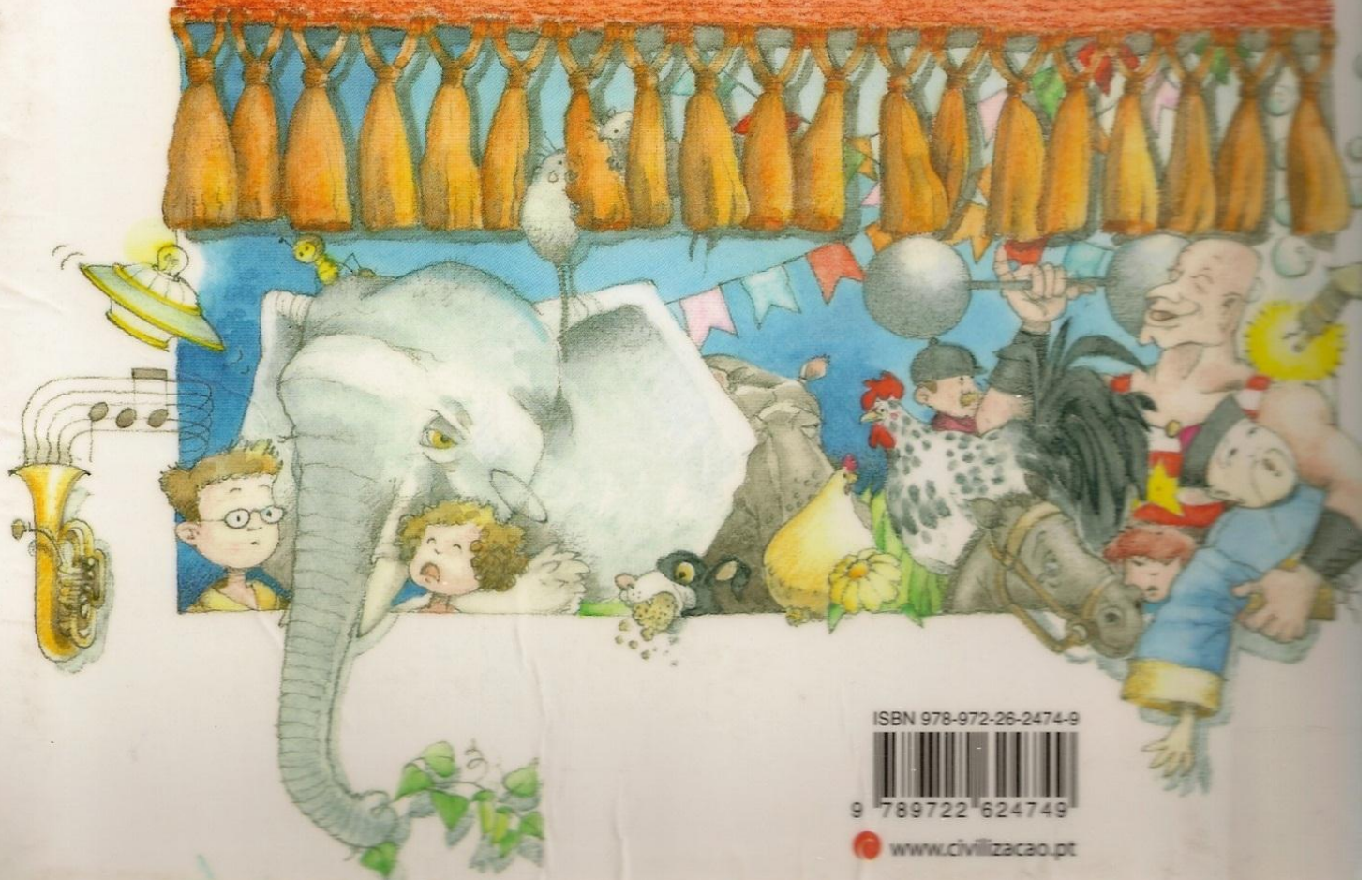
Era verdade. Cada um olhava para o outro como se fosse ele próprio. Ora, como é que uma pessoa ou um bicho pode dar-se mal com ele mesmo?

E assim o gato-cão e o cão-gato arranjam uma nova dona. À noite, enroscados um no outro, não se sabe onde começa o cão e acaba o gato. Fizeram-se, realmente amigos.

Até pode acontecer que, um dia, o Génio das Cavernas lhes devolva as respetivas identidades e o cão volte a ser cão e o gato volte a ser gato. Mas valerá a pena?

Este livro não é uma antologia do autor, mas podia ser. Nele vão encontrar algumas das melhores histórias de António Torrado.

Ao longo da sua carreira de escritor, com mais de cento e vinte livros publicados, António Torrado ofereceu-nos contos maravilhosos que atravessam gerações e enriquecem a literatura portuguesa para crianças e jovens.



ISBN 978-972-26-2474-9



9 789722 624749

www.civilizacao.pt